

Territorialidades virtuais¹

Identidade, posse e pertencimento em ambientes multiusuário *online*

Virtual territorialities. Identity, ownership and sense of belonging in multiuser online environments

SUELY FRAGOSO*

REBECA RECUERO REBS**

DAIANI LUDMILA BARTH***

RESUMO

Este trabalho discute a comunicação mediada pela internet e as rearticulações dos vínculos territoriais a partir de três tipos de ambientes multiusuário online: salas de *chat*, sistemas de rede social e mundos virtuais gráficos 3D. Os participantes da pesquisa falaram sobre sua experiência de criação ou participação em representações online de lugares físicos (países, cidades, praças, etc). Os resultados confirmam a vinculação identitária e utilitária a esse tipo de lugar virtual, indicando vinculações territoriais múltiplas e complexas em função da acentuada mobilidade geográfica dos participantes de ambientes multiusuário online, além da constituição histórica e identitária que diferencia os lugares virtuais dos lugares físicos.

Palavras-chave: Ambientes multiusuário online, multiterritorialidade, lugar, identidade

ABSTRACT

This paper discusses internet mediated communication and the contemporary rearticulation of territorial links in three types of multi-user online environments: chat rooms, social network systems and 3D graphic worlds. Interviewees spoke about creation or participation in online representations of physical places (countries, cities, public places, etc). Results confirm the existence of identity and utilitarian links to this type of virtual place and indicate the existence of multiple and complex territorial links, mostly due to the intense geographical mobility of users of online multi-user environments and, on the other, to the historical and identity constitution which differentiates virtual places from their physical counterparts.

Keywords: Multi-user online environments, multi-territoriality, place, identity

* Professora dos Cursos de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Pós-Graduação em Design e Graduação em Design da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Email: suely.fragoso@gmail.com

** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos. Bolsista CAPES. Email: rebecarecuero@gmail.com

*** Mestre em Ciências da Comunicação pela Unisinos. Professora Assistente da Universidade Federal de Rondônia, UNIR. Departamento de Jornalismo. E-mail: daiani.barth@gmail.com

1. Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho "Cibercultura", do XIV Encontro da Compós, na PUC-RJ, Rio de Janeiro, RJ, em junho de 2010.

INTRODUÇÃO

ESTE TRABALHO SE propõe a discutir como a comunicação mediada pela internet afeta as relações entre o espaço geográfico e a identidade cultural, com especial atenção às questões relativas à vinculação territorial com os chamados *lugares virtuais*. Nosso foco de observação recai sobre os sistemas multiusuário online, cuja influência sobre a questão que nos colocamos é particularmente direta, uma vez que viabilizam interações *muitos-muitos* e praticamente imediatas cuja base de sustentação são representações textuais ou visuais tanto dos próprios interagentes (avatares) quanto dos ambientes em que eles se encontram. Como veremos, entendemos que esse duplo processo de representação é determinante para que os lugares virtuais se estabeleçam.

Uma vez que nossa proposta é discutir questões relativas às apropriações *sociais* dos espaços informacionais que se traduzem em noções expressas pelas palavras lugar e território, optamos por iniciar este texto esclarecendo os termos em que construímos nossa diferenciação¹ entre *espaço, lugar e território*. Neste texto, compreendemos que o espaço é uma totalidade conceitual e ilimitada que, ao ser apreendida e apropriada, é organizada em parcelas que se diferenciam pela estrutura, organização e dinâmica. Essas subdivisões do espaço, que denominamos lugares (Foucault, 1986, *online*), adquirem limites e histórias oriundas das interações sociais que ali ocorrem e que os caracterizam identitariamente (Santos, 1997; Augé, 2007). O sentimento de posse ou pertença por parte dos sujeitos que interagem *no* e *com* o lugar compõe a multiplicidade de poderes que instituem seu caráter de território (Haesbaert, 2005, *online*). Assim, enquanto utilizamos a denominação *espaço* em referência às acepções genéricas (por exemplo, *espaço geográfico, espaço físico* ou *espaço informacional*), identificamos a palavra *lugar* com uma perspectiva de caracterização identitária mais claramente situada. O território, por sua vez, é entendido a partir de desdobramentos da construção identitária relativa a um lugar, que resultam em sentimentos de posse ou pertença e que são frequentemente acompanhados por um conjunto de regras ou leis que caracterizam a apropriação do lugar por alguém (ou algum grupo) que o “domina”, impedindo (ou permitindo) o acesso de outras pessoas ou grupos (Haesbaert, 2007; Albagli, 2004).

Compreendemos, dessa forma, que espaços, lugares e territórios são indissociáveis: a materialidade dos espaços se organiza-se em lugares caracterizados geograficamente (por seus limites, não necessariamente materiais) e simbolicamente (por sua identidade e historicidade). As relações que as pessoas estabelecem com os lugares podem conduzir à territorialidade (Holzer, 1999), que se traduz em sentimentos de pertença territorial de ordem individual (com

1. Falamos em construir a diferenciação para enfatizar nosso entendimento de que, como todo e qualquer conceito, as definições de espaço, lugar e território que adotamos são atribuições deliberadas de sentido, norteadas por nossas intenções e interesses de pesquisa.

referência a um espaço inviolável e pessoal imediato) ou coletiva (quando diz respeito à identidade de um grupo, regulando suas interações sociais) (Albagli, 2004: 28). Em uma perspectiva funcional, a territorialidade se configura-se em processos de dominação, de exclusividade, e o território é visto como recurso, como valor de troca, visando produção e lucro. Já o aspecto simbólico da territorialidade diz respeito à apropriação e à identidade e mobiliza os sentidos de *lar* e de *abrigo* (Haesbaert, 2004, online).

DESTERRITORIALIZAÇÃO E MULTITERRITORIALIDADE

Os processos de globalização e, em particular, o desenvolvimento das tecnologias de transporte e comunicação, são frequentemente associados a uma necessidade de neutralizar as restrições espaciais, considerada inerente ao capitalismo (Harvey, 1999; Bauman, 2001). Essa compreensão está na base da ideia de que a acentuada mobilidade espacial contemporânea (Urry, 2007; Cogo, 2007) corresponde a um enfraquecimento da importância da espacialidade para a vida social (Virilio, 1993; Trivinho, 1998) que deflagra o fenômeno conhecido como desterritorialização (Jameson, 1991; Ortiz, 1994; Lemos, 2005). Haesbaert faz uma crítica à compreensão de que os processos de abandono, de fuga, de modificação e/ou destruição de regiões característicos da contemporaneidade correspondem a um “desaparecimento de territórios” ou mesmo a uma debilitação da mediação espacial nas relações sociais (Haesbaert, 1999: 171). Para ele, os territórios não estão desaparecendo, mas mudando de lugar constantemente, adquirindo outro sentido relacional (Haesbaert, 2007: 156). Essa interpretação vai ao encontro da visão de Lemos, para quem as tecnologias contemporâneas seriam efetivamente desterritorializantes, mas nem por isso deixam de fomentar “novas reterritorializações, através de dinâmicas de controle e acesso à informação” (Lemos, 2005). Converte também com a opinião de Santos, para quem a facilitação da mobilidade na “modernização contemporânea” (Santos, 2006: 218) conduz a uma mundialização dos lugares e territórios. Segundo a interpretação de Haesbaert (2007), o resultado desse processo não é o desaparecimento dos lugares e territórios, mas sua multiplicação. Facilitada pelo reconhecimento e pelo pertencimento das pessoas a novos territórios, desenvolve-se uma forma de territorialização mais complexa, convergente com a ideia de rede: a multiterritorialidade.

A multiterritorialidade se caracteriza-se pela superconexão de territórios e pela maior fluidez dos trânsitos espaciais, facilitando o acesso (tanto virtual quanto materialmente) aos diferentes lugares em que se ancora o “espaço de fluxos” (Castells, 1999). Nesse cenário, a ideia de desterritorialização não decorre de uma efetiva extinção dos territórios, mas da dificuldade de reconhecer (ou

de definir) os territórios múltiplos e descontínuos da atualidade, que impede o reconhecimento do caráter imanente da (multi)territorialização na vida dos indivíduos e dos grupos sociais. Assim, “mais do que a desterritorialização desenraizadora, manifesta-se um processo de reterritorialização espacialmente descontínuo e extremamente complexo” (Haesbaert, 1994: 214), em que o enfraquecimento de alguns modos de controle espacial vem acompanhado do remodelamento, reforço ou criação de outras relações de poder que permanecem inscritas na espacialidade da vida social, como destacam, por exemplo, Soja (1989) e Sassen (2006).

Haesbaert não associa o aumento da hibridização cultural, a multiplicidade de identidades territoriais e a justaposição de territórios ao desaparecimento das relações de territorialidade. Operacionalizando conceitos desenvolvidos por Deleuze e Guattari, para quem os movimentos de desterritorialização e os processos de reterritorialização são sempre relativos, estão sempre conectados, presos uns aos outros (Deleuze e Guattari, 2005: 11), Haesbaert compreende que todo o processo de desterritorialização seria acompanhado por um de reterritorialização, fortalecido por uma multiplicação dos territórios que seria, ela sim, característica da contemporaneidade. Ao deslocarem-se entre os múltiplos territórios que lhe são acessíveis, os sujeitos não necessariamente abrem mão de suas referências de pertencimento e posse, mas colecionam outras, passando a fazer parte de mais de um grupo social que habita mais de um território (Haesbaert, 2007: 131). Ou seja, a diversidade de territórios disponíveis permite ao sujeito frequentar, apropriar-se e pertencer a múltiplos territórios, situados em diferentes dimensões e que despertariam o mesmo sentimento de pertencimento e posse observados em relações de territorialidade única.

ESPAÇOS, LUGARES E TERRITÓRIOS VIRTUAIS

Por seu sentido genérico, nossa definição de espaço engloba desde concepções mais concretas, ligadas à possibilidade de “mensurar com passos”, de “andar por entre” (Brunet, 1992 apud Machado, 1997: 21) até as mais teóricas e abstratas, como a aceção matemática de hiperespaço (Fragoso, 2000). Assim construído, esse conceito pretende vincular três noções de espaço que convergem para formular nosso interesse de pesquisa: a ideia de espaço geográfico (físico), a de espaço informacional (ciberespaço) e a de espaço social (apropriado). Embora intimamente relacionadas, tratam-se de aceções essencialmente distintas que, quando trabalhadas de modo indiferenciado, geram paradoxos e favorecem equivalências inconsistentes (Fragoso, no prelo).

A compreensão social do espaço reconhece a ligação entre a espacialidade e os atores sociais, focalizando a história dos sistemas de objetos e

de ações ao longo da qual tanto o espaço físico quanto o espaço social são construídos e reconstruídos, apropriados e reapropriados (Santos, 2006). O espaço social é, assim, essencialmente, um espaço habitado, já que é constituído pelas próprias práticas sociais e interações com os elementos que viabilizam a percepção relacional da espacialidade (Fragoso, 2005: 51) e pelas interações sociais que tem lugar em meio a esses elementos. Vai nesse sentido a consideração de Albagli (2004), para quem os seres humanos se relacionam *com e no* espaço.

As peculiaridades da comunicação mediada pela internet permitem o estabelecimento de *ambientes* de interação *muitos-muitos*, que são compostos por representações visuais e/ou textuais visíveis e acessíveis em meio às quais acontecem as práticas sociais. São sistemas multiusuário online como *games* (por exemplo, *World of Warcraft*), ambientes de conversação (como os canais do IRC) e serviços de rede social (como o *Orkut* e o *Facebook*), que se configuram como espaços sociais graças aos dois tipos de interação indicados por Albagli: com os próprios elementos que configuram o ambiente (interatividade, conforme definida por Fragoso, 2001) e entre os atores sociais (interação social ou mútua, conforme definida por Primo, 2005).

Através dessas mesmas práticas, ao longo do tempo os ambientes multiusuário online sofrem modificações e abrigam interações que lhes conferem uma historicidade e lhes agregam uma caracterização identitária². A configuração histórica e identitária dessas subdivisões do espaço informacional instituído pela internet converge com a definição que adotamos, permitindo que identifiquemos esses ambientes multiusuário online como lugares – no caso, lugares virtuais.

A ausência de materialidade dos ambientes multiusuário online não impede que os processos de apropriação social que os qualificam como lugares virtuais se desdobrem em sentimentos de posse e pertença, caracterizando a vinculação identitária mais intensa que associamos aos territórios. A atribuição de características territoriais a lugares virtuais é perceptível na experiência cotidiana e se traduz em referências à posse (como no caso da “tomada do *Orkut*”, Fragoso, 2006) ou de parcelas ou subfrações específicas (como terrenos ou ilhas do *Second Life*, Rebs, 2010).

Além de oferecer os suportes pra a criação, organização e compartilhamento desses lugares-territórios virtuais, a internet também potencializa a diversificação das interações e, com isso, a multiplicação das identidades e identificações culturais. Ou seja, a facilitação das interações sociais pela Internet potencializou as “múltiplas ‘tribos’ a que cada um pode pertencer [e que] revelariam múltiplas territorialidades, efêmeras, que assumiríamos ao longo de nosso

2. Diversos autores registraram aspectos da história e da identidade de ambientes multiusuário online em trabalhos que podem facilitar a compreensão dessa nossa colocação, por exemplo Reid, 1994; Fragoso, 2006; Tomasini, 2007 e Rebs, 2009.

3. Fragoso e Rosario (2008) discutem a presença simultânea em lugares materiais e virtuais em termos do enraizamento do sujeito no espaço físico que decorre da materialidade de seu corpo orgânico (Fragoso, no prelo), que não deixa de existir durante as interações online, que por sua vez tem lugar em um outro espaço, simbólico, ao qual o corpo físico não tem acesso direto.

4. São exemplos de representações genéricas comunidades do *Orkut* como *Eu adoro praia e Qualidade de vida na cidade* e de específicas *Praia da Pipa e Eu amo a cidade de São Paulo*.

5. Augé entende que “se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar” (2007: 73). A perspectiva dos não-lugares na internet foi trabalhada por diversos autores, entre os quais, por exemplo, Cardoso (1998); Lemos (2005) e Santaella (2007).

6. Um *nickname* é a identificação do usuário do *chat*, que pode ser um apelido, nome verdadeiro, nome fictício ou o que o usuário escolher para identificar-se durante sua presença no bate-papo. Exemplos de *nicknames* que indicam pertencimento territorial encontrados são *cleberlondon* ou *Eng do Amor - Paris*.

cotidiano” (Haesbaert, 2007: 226). Nesse processo, as vinculações identitárias individuais e coletivas transpõem-se para as representações online (ou seja, para os lugares-territórios virtuais), potencializando a experiência multiterritorial ao ampliar a gama de territórios dos quais o sujeito pode fazer parte tanto material quanto simbolicamente³.

TERRITORIALIDADE VIRTUAL

As representações verbais e visuais que configuram os lugares e territórios virtuais têm como referência o mundo físico, que é por vezes referenciado através de elementos espaciais genéricos (praias, cidades, lagos), outras vezes por lugares específicos (uma certa praia, uma cidade, um lago em particular)⁴. A temática da rearticulação das relações entre o espaço geográfico e a identidade cultural nos levou a tomar como foco o segundo tipo de representação, razão pela qual concentramos nossos esforços nos territórios virtuais estabelecidos em ambientes multiusuário online que representam lugares específicos do espaço geográfico. Discutimos, em trabalhos anteriores, a existência desses tipos de lugares virtuais que funcionam como verdadeiras *recriações* de lugares geográficos, exemplificados pelas salas de *chat* relacionadas a cidades e países (por exemplo, *Porto Alegre e Argentina*) ou até mesmo designando um movimento migratório (como as salas *Brasileiros no Exterior, Dekasseguis, Brasileiros na Europa*, observadas por Barth [2009]), comunidades em redes sociais que referenciam cidades ou estados brasileiros (como as comunidades *Rio de Janeiro* ou *São Paulo* do *Orkut*, em Fragoso [2008]) e ambientes gráficos como a *Ilha Brasil* ou a *Ilha Curitiba* no *Second Life* [Rebs, 2010]).

Uma parcela significativa das salas de *chat* do provedor *UOL* observadas por Barth (2009) parecia abrigar encontros ao acaso, em ambientes instituídos verbalmente e que podem ser concebidos como lugares de ninguém ou como “não-lugares” (Augé, 2007:73)⁵. Entretanto, nas salas que fazem referência a cidades e regiões é perceptível que os *nicknames*⁶ designam sujeitos com pertencimentos territoriais múltiplos e relativos ao local representado pela sala, seja ele o mesmo ou diferente do indicado em sua representação pessoal (Barth, 2009).

Em grande parte, a relação que os sujeitos estabelecem com essas representações de lugares geográficos parece ser rígida pelas questões identitárias. Rebs (2010) estudou a criação de lugares virtuais em ambientes multiusuário gráficos sem temática predefinida, verificando em Ilhas do *Second Life* a representação virtual de países, cidades, praças, edifícios ou monumentos que funcionam como extensões dos lugares concretos que lhes servem de referência, anunciando uma vinculação entre a construção territorial e a

necessidade de referenciar as expressões culturais no espaço virtual. O mesmo indicativo havia sido encontrado por Tomasini (2007), que identificou na associação às comunidades do *Orkut* relativas a lugares geográficos a intenção de *declaração* de relações territoriais, uma percepção consonante com a de Mattuck e Meucci (2005), para quem as comunidades do *Orkut* fazem parte do conjunto de ícones identitários que os sujeitos mobilizam para a construção das representações de si naquele sistema de rede social.

Em paralelo a essa associação como declaração de pertencimento e identidade, Fragoso (2008) verificou que a participação em comunidades de cidades de origem ou de localização dos usuários, no *Orkut*, potencializa as chances de contato entre pessoas com interesses semelhantes e que frequentam lugares geograficamente próximos, bem como favorece estender a relação online para o mundo físico. Conversamente, os relacionamentos face a face também podem avançar para o plano da virtualidade, tornando os contatos mais fáceis e frequentes e, por conseguinte, favorecendo também a manutenção e o fortalecimento de vínculos preexistentes.

Finalmente, as comunidades do *Orkut* observadas por Fragoso (2008) pareciam funcionar também como fontes de informação sobre os lugares geográficos que representam, desempenhando uma função de *mural de avisos* com anúncios de compra e venda, divulgação de festas e eventos e prestação de serviços públicos, como divulgação de dados sobre crianças perdidas e campanhas de vacinação. Barth (2009) encontrou uma utilização parecida em sites que apresentam temas e conteúdos voltados para brasileiros no exterior que se propõem a prestar serviços como esclarecimentos quanto aos aspectos jurídicos no processo migratório, dicas de moradia no exterior e relacionamento entre brasileiros fora do País.

Em suma, os trabalhos mencionados apontam duas motivações para a criação ou busca de lugares virtuais que expressam vínculos territoriais: a expressão identitária e a utilidade como *ponto de encontro* ou *mural de avisos*. No primeiro caso, as pessoas criariam ou procurariam as representações de lugares geográficos nos sistemas multiusuário online como forma de apresentar-se, indicando quem são em função de suas origens territoriais. No segundo caso, esses lugares virtuais serviriam como base para a criação, manutenção ou fortalecimento de laços sociais ou para a divulgação de informações e avisos para os moradores dos lugares geográficos representados.

Até aqui, entretanto, trabalhamos com a observação dos elementos que constituem os próprios lugares virtuais (denominações, imagens, etc.) e dos vestígios das interações estabelecidas com eles e neles (criação de tópicos e avisos, registros de conversação entre usuários, etc.). Para aprofundar a

compreensão sobre as motivações para a criação e associação às representações de lugares geográficos em sistemas multiusuário online e sobre os modos de uso e apropriação desses lugares virtuais, consideramos necessário avançar da observação dos ambientes para a abordagem dos sujeitos que com eles e neles interagem.

ENTREVISTAS: MULTITERRITORIALIDADE E TRANSMIGRAÇÃO

A fim de verificar e aprofundar nossa compreensão sobre as motivações para a criação, associação e participação em lugares virtuais que representam lugares geográficos específicos, realizamos um conjunto de entrevistas semiestruturadas com usuários dos sistemas de interação online que havíamos observado em nossos trabalhos anteriores: as salas de *chat* associadas a cidades e países no provedor *UOL*, as comunidades de cidades e Estados brasileiros no *Orkut* e ilhas que representam o Brasil e cidades brasileiras no *Second Life*. Com essa diversidade de sistemas multiusuário online, esperamos abranger diferentes tipos de pessoas e uma variedade de perfis de uso e apropriação, ampliando a representatividade de nossas conclusões. No total, realizamos 49 entrevistas, sendo 27 com membros de comunidades do *Orkut* que fazem referência direta a Estados e cidades do Brasil, 18 com usuários do *Second Life* que conhecem, participam e/ou são residentes de ilhas que se referem a cidades ou localidades do mundo geográfico e quatro participantes de salas de *chat* do *UOL* que referenciam cidades ou países. As entrevistas foram realizadas ao longo de 2009, por email, *MSN*, *Skype*, *GTalk* ou ainda por IMs internos no *Second Life* ou conversas privadas nas salas de chat do *UOL*.

Quase todos os entrevistados (45) afirmaram terem buscado associar-se a lugares virtuais que representavam os lugares geográficos com os quais mantém vínculos territoriais (identificados pelo uso de expressões como *minha cidade*, *meu Estado*. As motivações mencionadas variaram entre *buscar amigos em comum*, *mostrar quem eu sou*, *ter orgulho da cidade onde moro*, *saber coisas da cidade*, *encontrar pessoas novas* ou ainda *ser o meu lugar*.

A “etiquetagem identitária” apontada por Tomasini (2007) apareceu como uma motivação frequente, revelando-se em falas como:

as comunidades [do *Orkut*] tem como finalidade mostrar quem somos, do que gostamos e etc.⁷

Outras conotações identitárias, convergentes com essa ideia, indicam a suposição de uma via de dupla mão entre o pertencimento a uma comunidade que funciona como lugar virtual e a identificação pessoal:

7. As transcrições mantêm a redação utilizada pelo entrevistado, independente da correção gramatical ou ortográfica.

apesar de não participar ativamente da comunidade, posso servir como vitrine para que os outros entrem nela, então, indiretamente, faço parte dela.

A ideia de *mostrar sua origem* apareceu com ênfase nas entrevistas, apontando não apenas para a existência de sentimento de territorialidade, mas para o orgulho em relação ao seu lugar de procedência. Isso é exemplificado no trecho de entrevista a seguir, em que o usuário assinala seus motivos para buscar comunidades que representam lugares geográficos:

O principal motivo de colocar comunidades relacionadas a minha origem, como por exemplo: rio grande do sul, se refere ao orgulho que tenho do lugar em que nasci. Ao estilo de vida que nós(gaúcho) temos. Característicos do nosso Estado e muitas vezes não presentes em outros territórios.

Encontramos também indicativos de que a adesão às representações online de lugares geográficos extrapola os vínculos territoriais preexistentes e funciona como uma experiência multiterritorial, já que os lugares virtuais e as interações que neles tem lugar são consideradas tão *reais* quanto seus correspondentes do mundo físico.

Elas [comunidades do *Orkut*] representam algo que de fato existe, e deste algo que de fato existe eu de fato faço parte. Pra mim o mundo virtual é um mundo paralelo. No mundo real, que é o mundo em que a interação pode ser muito mais real, é que a gente faz ou não parte das nossas representações de vida. Eu moro no meu bairro, na minha cidade, no meu estado e no meu país. Faço parte das comunidades virtuais justamente porque eu vivo em tais lugares. Mesmo não interagindo.

A importância dos lugares virtuais como ferramenta comunicacional e estrutura simbólica de apoio à vivência multiterritorial no mundo físico foi verificada nos depoimentos de entrevistados que reportaram interesse por lugares virtuais relativos a territórios geográficos distantes, com os quais mantêm vínculos afetivos e sociais em função de suas histórias de vida.

sim tem a Ilha de Santos, ja morei la qdo entrei no SI [*Second Life*] (...) lindo la tem salto de paraquedas voo livre e uma das praias mais lindas
(...)
saudades esse foi o motivo real de eu buscar (...) saudades
(...)
pra quem mora longe tem uma visão diferente do que representa vc se teleportar pra sua cidade
(...) é o sentimento de saber que pertencemos a um lugar

A utilização dos sistemas multiusuário online para manutenção de vínculos multiterritoriais estabelecidos no espaço geográfico converge com a noção de “migração transnacional” de Siqueira (2008), que diz respeito à sensação de *viver em dois lugares*, sempre voltando ao lugar de origem e ao de destino. São experiências de trânsito entre lugares diferentes, que favorecem o estabelecimento de novas ligações territoriais mas não eliminam as anteriores.

Eu morei, durante um certo tempo nos EUA, na Califórnia mais especificamente (...)
as [comunidades do *Orkut*] referentes a Minas Gerais remontam do tempo em que eu residia em Sete Lagoas/MG (...)
sou dono de uma comunidade pouco frequentada sobre a Zona Sul do Recife que era onde eu residia e estudava, na época.

Além da manutenção de vínculos territoriais desenvolvidos no mundo físico, os entrevistados apontaram também a importância das representações geográficas em sistemas multiusuário como facilitadoras de encontros entre pessoas que se encontram em lugares distantes mas compartilham valores e referências culturais.

No caso das ilhas brasileiras o fazia para encontrar outros brasileiros, mas elas costumam ser todas segundo o mesmo padrão: (urbanas, com praias e festas e muita gente só conversando)

Conversamente, os lugares virtuais também servem de ponto de encontro para pessoas que estão geograficamente próximas. Nesses casos, a possibilidade de estender as interações aos lugares materiais é uma motivação importante.

a proximidade física ajuda para que as pessoas possam se conhecer tanto no mundo virtual, bem como no mundo real. Além disso, é bem maior a chance de encontrar pessoas já conhecidas.

Alguns entrevistados utilizam os ambientes multiusuário online para procurar tipos específicos de interação, em especial para encontros sexuais ou busca de parcerias amorosas.

[a razão pela qual frequento este local virtual é] conhecer pessoas próximas, tanto amizade como relacionamento tbm.

No conjunto das entrevistas, entretanto, foi mais frequente a referência à busca de lugares virtuais como fontes de informação sobre os lugares que eles representam.

a comunidade é um ótimo lugar para descobrir eventos, bares, restaurantes e saber de serviços, que são indicados por outros integrantes.

Além disso, os entrevistados mencionaram também o potencial dos lugares virtuais como fonte de informações sobre os hábitos e a cultura dos lugares geográficos de referência.

Quanto a comunidade relacionada ao meu bairro, foi apenas pra saber como é o estilo de vida daqueles que moram a minha volta, como suas rotinas, se tomam chimarrão, coisas desses tipos, que são encontradas nos próprios tópicos da comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Optamos por localizar nossa pesquisa sobre as articulações da territorialidade virtual em ambientes multiusuário online pois entendemos que estes são compostos por representações de elementos cuja relação estabelece uma ordem espacial interna, inclusive representações dos atores sociais que interagem entre si e com o próprio ambiente - ou seja, *com* e *no* espaço, conferindo-lhes uma identidade e uma história. Este processo de apropriação social do espaço virtual institui lugares virtuais que podem servir de base para o estabelecimento de vínculos territoriais, questão que se torna particularmente interessante e complexa quando se leva em conta que as representações utilizadas na criação dos lugares virtuais tem como referência elementos presentes em lugares físicos, muitas vezes com a evidente intenção de compor *equivalentes virtuais* de países, cidades, praças, etc.

Trabalhos anteriores haviam endereçado o tema das relações entre sujeitos e lugares virtuais que representam lugares geográficos específicos, tendo como base empírica os elementos que constituem os lugares virtuais e eventuais vestígios de interações sociais que neles tinham ocorrido. Nosso interesse nos vínculos territoriais estabelecidos com aqueles lugares conduziu a uma abordagem direcionada aos sujeitos, que resultou em um conjunto de 49 entrevistas com participantes de diferentes ambientes multiusuário online (*Orkut*, salas de *chat* do *UOL* e *Second Life*).

Para além da importância das questões identitárias dos lugares virtuais que representam lugares geográficos (Tomasini, 2007, Rebs, 2009) e de seu potencial como pontos de encontro e fonte de informação (Fragoso, 2008, Barth, 2009), encontramos indicativos de acentuada mobilidade geográfica entre os usuários de ambientes online. As expressões dos entrevistados sobre os múltiplos trânsitos espaciais que configuram suas vivências confirmam a

hipótese de Haesbaert (1994), para quem o deslocamento não implica abrir mão das referências territoriais já estabelecidas, mas adicionar outras, formando um conjunto complexo de sentimentos de pertencimento e posse com múltiplos lugares. Nesse sentido de pertencimento simultâneo a vários lugares geográficos espacialmente descontínuos, a noção de multiterritorialidade se aproxima-se da ideia de migração transnacional (Siqueira, 2008), entendida como múltipla presença simbólica, uma percepção que apareceu de modo bastante intenso nas falas dos nossos entrevistados.

Em outra perspectiva, verificou-se que as interações *com* e em *um* dado lugar virtual lhe conferem identidade e historicidade próprias, diferenciando-os dos lugares geográficos que lhes servem de referência. Esse atributo de *realidade* configura uma outra ordem de experiência multiterritorial, própria dos sistemas multiusuário online, que é constituída pelo vínculo territorial com dois lugares, o físico e o virtual, que, embora diretamente correlatos, são reconhecidamente distintos. Essa percepção se traduz na busca de representações virtuais dos lugares geográficos com os quais o sujeito já possui vínculos territoriais, para fins de afirmação identitária, para manutenção de vínculos anteriores ou para interagir com pessoas que se encontram fisicamente naqueles lugares. Por outro lado, lugares virtuais que representam futuros destinos ou os locais de permanência dos entrevistados são utilizados como fonte de informação e pontos de encontro, em ambos os casos com evidente intenção de explorar a permeabilidade e a continuidade entre os espaços virtuais e os físicos. **M**

REFERÊNCIAS

- ALBAGLI, Sarita. Território e Territorialidades. In LAGES Vinícios; BRAGA, Christiano; MORELLI, Gustavo (Org.). *Territórios em movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Sebrae, 2004.
- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. 1. ed. Campinas: Papyrus, 2007. 112 p.
- BARTH, Daiani L. *Brasileiros na Espanha: internet, migração transnacional e redes sociais*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em Rede - A Era da Informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- COGO, Denise. *Migrações contemporâneas como movimentos sociais: uma análise desde as mídias como instâncias de emergência da cidadania dos migrantes*. *Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos*. São Leopoldo, v.9, p.64 - 73, 2007.

- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. *A Thousand Plateaus: capitalism and schizophrenia*. Translation and foreword by Brian Massumi. London: University of Minnesota Press, 2005.
- FRAGOSO, Suely. De interações e interatividade. *Revista Fronteiras – estudos midiáticos*, v. 3, n. 1, p. 83-95, 2001.
- . *O espaço em perspectiva*. 1. Ed. Rio de Janeiro: E-papers, 2005.
- . *Cunctus ergo sum: crítica à compreensão cartesiana de sujeito nos estudos da cibercultura*. *Livrodo II Simpósio da Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura*, ABCiber. No prelo.
- HAESBAERT, Rogério Costa. O mito da desterritorialização e as “regiões-rede”. In: Congresso Brasileiro de Geografia, 5. 1994, Curitiba. *Anais do V Congresso Brasileiro de Geografia*. Curitiba: AGB, 1994, p. 206214.
- . Identidades territoriais. In: CORRÊA, Roberto L. & ROSENDAHL, Zeny (Org.). *Manifestações da cultura no espaço*. Série Geografia Cultural. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 169-190, 1999.
- . Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. In: Seminário Internacional sobre Múltiplas Territorialidades, 2004. Document de travail à partir d’une version révisée d’une communication présentée au 1º Seminário Nacional sobre múltiplas territorialidades. Porto Alegre: UFRGS, 23 set. 2004.
- . *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 395 p.
- HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 1999.
- JAMESON, F. *El postmodernismo o la lógica cultural del capitalismo avanzado*. 1 ed. Barcelona: Paidós, 1991. 128 p.
- MATTUCK, Artur e MEUCCI, Arthur. A criação de identidades virtuais através das linguagens digitais. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, vol.21, p. 157-182, 2005.
- ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- REBS, Rebeca Recuero. O lugar no espaço virtual: um estudo etnográfico sobre as recriações de territórios do mundo concreto no Second Life. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2010.
- SANTAELLA, Lucia. *Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.
- . *Técnica Espaço Tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- . *A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e rmoção*. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. 260 p.

- SASSEN, Saskia. *Territory, Authority, Rights: from medieval to global assemblages*. Princeton: Princeton University Press, 2006.
- SIQUEIRA, Sueli. Migracion y las distintas formas de retorno al suelo natal. Una perspectiva transnacional. In: *Simposio Internacional Nuevos Retos del Transnacionalismo en el Estudio de las Migraciones*. Barcelona: Universitá Autonoma del Barcelona, 14 y 15 de febrero de 2008.
- SOJA, Edward. *Postmodern Geographies: the reassertion of space in critical social theory*. London: Verso, 1989.
- TOMASINI, Ana Cláudia. *Globalização e nacionalismo: um estudo de caso da comunidade virtual 'Brasil' sobre a identidade brasileira no Orkut*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos: São Leopoldo, 2007.
- TRIVINHO, Eugênio. *Redes: obliterações no fim do século*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 1998.
- URRY, John. *Mobilities*. Cambridge: Polity Press, 2007.
- VIRILIO, Paul. *O espaço crítico*. São Paulo: Editora 34, 1993.

Endereços eletrônicos

- CARDOSO, Ciro Flamarion. Repensando a construção do espaço. *Revista de História Regional*, v. 3, n. 1., dez./fev., 1998. Disponível em: <<http://www.uepg.br/rhr/v3n1/ciro.htm>>. Acesso em: 15 mai. 2009.
- FRAGOSO, Sueli. Espaço, Ciberespaço, Hiperespaço. *Textos de Cultura e Comunicação*, Salvador, BA, v. 42, 2000, p. 105-113. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/23794597/Sueli-Fragoso-Espaco-Ciberespaco-Hiperespaco>>. Acesso em: 16 fev. 2010.
- . Eu odeio quem odeia... considerações sobre o comportamento dos usuários brasileiros na `tomada do Orkut. *E-Compós* (Brasília), v. 6, 2006. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/ecompos/article/view/89/89>>. Acesso em: 16 fev. 2010.
- . Conectibilidade e geografia em sites de rede social: um olhar sobre as relações entre território e identidade e a permeabilidade on-line/off-line a partir do Orkut. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 16, p. 109-121, dez, 2008. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1921/1187>>. Acesso em: 16 fev. 2010.
- FRAGOSO, Sueli e ROSÁRIO, Nísia. Melhor que eu: um estudo das representações do corpo em ambientes gráficos multiusuário online de caráter multicultural. *Revista online Interin*, n. 6., 2008. Disponível em: <http://www.utp.br/interin/EdicoesAnteriores/06/edicao_06/art_dossie_suely-nisia.htm>. Acesso em: 03 jun. 2009.

- FOUCAULT, Michel. Other spaces: The principles of heterotopia. *Lotus International: Quarterly Architectural Review*, 1986. p. 9 - 17. Disponível em: <<http://foucault.info/documents/heteroTopia/foucault.heteroTopia.en.html>>. Acesso em: 23 jul. 2008.
- HAESBAERT, Rogério Costa. Da desterritorialização à multiterritorialidade. In: Congresso de Geógrafos da América Latina, 5. São Paulo. *Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina*, São Paulo: USP, 2005. Disponível em: <http://www.planificacion.geoamerica.org/textos/haesbaert_multi.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2009.
- HOLZER, Wherter. O Lugar na Geografia Humanista. *Revista Território*, v. 4, n. 7, Rio de Janeiro: UFRJ, p. 67-78, jul.-dez., 1999. Disponível em: <ftp://146.164.23.131/terr/N_07/v_7_holzer.pdf>. Acesso em: 12 set. 2009.
- LEMOS, André. Ciberespaço e Tecnologias Móveis: processos de territorialização e desterritorialização na cibercultura. *Anais do XV Congresso Anual dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, Compós 2006. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_762.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2010.
- MACHADO, Mônica Sampaio. Geografia e epistemologia: um passeio pelos conceitos de espaço, território e territorialidade. *Revista Geo*, UERJ, Rio de Janeiro: UERJ/Departamento de Geografia, n. 1, p. 17-18, jan., 1997. Disponível em: <<http://www2.uerj.br/~dgeo/geouerjih/monica.htm>>. Acesso em: 11 jun. 2009.
- PRIMO, Alex. Enfoques e desfoques no estudo da interação mediada por computador. *404NotFound*, n. 45, 2005. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404NotFound/404_45.htm>. Acesso em: 26 ago. 2009.
- REBS, Rebeca Recuero. From urban places of the cities to virtual places in cyberspace: reproduction and / or appropriation of the practices of soccer sociability In: *Anais do SLACTIONS 2009, Life, imagination, and work using metaverse platforms*, NMC Conference Center, Second Life, 2009. Disponível em: <<http://ciberpromenade.wordpress.com/trabalhos>>. Acesso em: 14 dez. 2009.
- REID, Elizabeth. *Cultural Formations in Text-Based Virtual Realities*. 2008. Dissertação de mestrado. Cultural Studies Program, Department of English, University of Melbourne, Australia, 1994. Disponível em: <<http://www.aluluei.com/cult-form.htm>>. Acesso em: 3 jan. 2008.

Artigo recebido em 05 de janeiro de 2011 e aprovado em 18 de setembro de 2011.

